

Propósito materno

Desde muito nova, Polyana Ruas, 34 anos, sonhava em ter uma família. A paixão e o carinho por crianças floresceu ainda mais quando se tornou madrinha de três meninas. Casou cedo, aos 20 anos, mas deixou a maternidade de lado, pelo menos por um tempo, para focar nos estudos. Ao conseguir a tão desejada carreira como servidora pública, decidiu tirar da gaveta aquela vontade que dormia quieta em algum lugar do coração.

No entanto, enfrentou algumas dificuldades no início. “Minha jornada para engravidar começou em 2019, por volta de abril e maio, quando parei de tomar anticoncepcional para tentar engravidar. Como a vida é uma caixa de surpresas, em junho de 2019 descobrimos que eu estava com um câncer de mama triplo negativo. Eu tinha 29 anos, nove anos de casada”, conta.

A vida de Polyana virou de cabeça para baixo, assim, de repente, enquanto planejava dar o passo inicial rumo ao sonho de infância. A descoberta, difícil de ser digerida por ela e pela família, assustou todos aqueles que a amavam. Sem saber da dimensão da doença e como ela afetaria o corpo durante o tratamento, a servidora lembra que foi um dos momentos mais difíceis que já viveu.

“Durante uma consulta, bem no início de tudo, eu soube que o tratamento poderia impactar em minha fertilidade. Lidar com o fato de que talvez eu poderia não ser mãe me destruiu. Ouso dizer que doeu tanto ou mais que saber que eu estava com câncer. Só de lembrar me emociono. Meu esposo fez tudo que estava ao seu alcance para que tivéssemos condições de realizar o procedimento para congelar meus óvulos antes de iniciar o tratamento”, detalha.

Da notícia até a captação de óvulos, ela teria apenas duas semanas para concluir o processo de congelamento. Após isso, precisaria iniciar sem falta as sessões de quimioterapia. Apesar dos desafios, o procedimento deu certo, o que deixou Polyana um pouco mais aliviada e confiante para dar seguimento ao tratamento contra o câncer.



Polyana Ruas está à espera de Maria Liz

Caminho até o sonho

Após o tratamento, a servidora pública entrou na menopausa medicamentosa e ouviu algumas vezes que não conseguiria gestar se não fosse por FIV (fertilização in vitro). Mas, em janeiro de 2022, ainda com efeitos pós-tratamento, descobriu que estava grávida de quase oito semanas. “Era normal meu ciclo atrasar, às vezes nem vinha. Dessa forma, não pensei que fosse gravidez. Mas um enjoo muito forte nos fez realizar um exame”.

Um momento de alegria, não somente para ela, mas para todos que assistiram de perto o caminho de Polyana rumo à tão sonhada maternidade. Um instante de felicidade, que logo foi

substituído por uma tristeza abrupta. A vida, que sempre lhe reservou muitas surpresas, tinha aparecido com outra. Duas semanas depois da descoberta de que, enfim, tinha virado gestante, ela teve um aborto retido. Um baque, que só conseguiu ser suportado com muito carinho e fé naquilo que nem mesmo a servidora conseguia entender.

Mesmo com tanta tristeza, se apegou ao fato de que corpo estava lutando e mantendo as esperanças dela bem acesas. “Depois de alguns meses tentando e não conseguindo engravidar, em junho de 2023 decidimos tentar a FIV. Não foi uma decisão fácil para mim. Mas, mesmo assim fizemos. Fui para o procedimento agradecida por ainda ter essa possibilidade. E acreditando nos planos de Deus. Não houve progresso para uma gestação. Outro baque. Minha decisão, nesse momento, foi de não decidir nada”, lembra. “Apenas fortaleci minha comunhão com Deus, e procurei cuidar do meu corpo e dar o tempo que minha mente precisava”, complementa Polyana.

Foi então que, em dezembro do ano passado, suas preces foram atendidas. De forma natural, a gravidez aconteceu. Desta vez, ela e o esposo lidaram com a notícia sem alardes, serenos e sem contar para ninguém, pelo menos por um bom tempo. A conexão com a gestação e os planos divinos foram prioridade de ambos, sobretudo para curar as marcas que nasceram no passado.

“Não tenho palavras que descrevam toda felicidade que sentimos, todos os dias acordo e coloco a mão na minha barriga e ainda me emociono. Estou com 23 semanas, esperando uma princesa do Senhor, Maria Liz. Tudo que passei me fez enxergar a vida totalmente diferente. A gratidão é muito presente. Minha fé continua sendo minha melhor amiga. Ser mãe, ao meu ver, é uma missão sem igual, a qual sempre sonhei, e hoje vivo o início desta benção”, diz, emocionada.

Ouvir o coração dela e sentir seus movimentos é a melhor sensação do mundo, segundo Polyana. Hoje, diz estar tranquila, mesmo sabendo que não poderá amamentar a filha, já que fez uma adenomastectomia — remoção da glândula mamária — e, por esse motivo, não conseguirá produzir leite. “No meu caso, foi uma cirurgia preventiva. E foi bilateral. Mesmo o tumor tendo sido apenas em uma mama.”

Devido a uma mutação genética chamada Brip1, que aumenta as chances de câncer de mama e ovário, e com o câncer triplo negativo tão nova, ela e as médicas decidiram pela cirurgia preventiva. “Decisões difíceis são necessárias. Minha filha precisa de uma mãe, e estou aqui, curada e pronta para viver tudo que a missão de ser mãe requer, sempre com fé, esperança e muito amor”, finaliza.